

CLÉRIGOS E MONGES NA LITERATURA POPULAR

GUILHERME FELGUEIRAS

Oeiras

OBSERV. — *Os números das notas que se encontram ao fim das citações remetem para as «fontes de consulta» no final do artigo.*

Não é demais salientar que a Igreja contou sempre com varões de grandes virtudes morais e dotes de santidade e de perfeição teológica. O sentimento cristão, a credulidade, as afirmações de fé católica, o respeito dispensado aos verdadeiros sacerdotes — evangelizadores de sã doutrina e exemplares nos preceitos devotos ao serviço das almas — mantêm-se ainda puros no ânimo de paroquianos e diocesanos, nomeadamente nos agregados rurais menos evoluídos.

Os monges tiveram igualmente importância social e merecido prestígio quando se entregavam piedosamente à vida claustral penitente, observando a sublimidade religiosa com espírito caritativo e desprendimento de interesses próprios. Todavia, a humanidade é frágil. A tentação de bens ou gozos temporais induziu um ou outro clérigo extraviado a aberrantes desvios psíquicos e morais, não separando com rigor as normas evangélicas das mundanas. É então que o povo, implacável juiz, intervém com a sua censura, o seu espírito escarninho, desde as ironias leves até aos sarcasmos irreverentes.

A literatura popular é manancial inesgotável de adágios, historietas, facécias, cantigas, parlendas, xácaras, romances novelescos, etc. Analogicamente, poder-se-ia dizer em referência à farta recolha neste domínio especial: *«são como os frades num convento, uns fora outros dentro»*.

*

O presbítero ou sacerdote secular, quando não cumpre dignamente os deveres religiosos de devoção e penitência, é criticado pela gente simples que o não poupa com seus motejos. Desde o termo depreciativo «padreca» com que é apodado o eclesiástico com pouca reputação, até aos vícios e defeitos de intemperança e de lascívia atribuídos a um ou outro pároco mais desregrado ou licencioso. No entanto, a crítica do vulgo é, muitas vezes, inflexível em excessos; os juízos da população obedecem quase sempre a vesgo sectarismo ou maledicentes imputações.

Aos pecadilhos de apreciar mesa com fartas iguarias ou de beber vinho imoderadamente, se refere o adagiário:

«Padres e patos, nunca estão fartos».

«Onde o padre canta, aí janta».

«Frade que pede pão, recebe carne se lha dão».

«Quem tem moinho e pé-de-altar, não vai para a cama sem orar».

«O frade por onde anda, não lhe falta pão na manga».

«Não dá o frade o que bem lhe sabe».

Uma trovazinha do cancionero algarvio nem sequer admite restrições:

*«Nunca vi ribeira sem água,
Nem praça sem pelourinho,
Nem donzela sem amor's,
Nem padre sem beber vinho».*

A tentação de fazer galanteios incastos às confessadas e os desregramentos de coabitar em mancebia ou de ter descendência incestuosa têm igualmente a sua desaprovação, feita sempre ironicamente:

*«Não há padre que não seja
Amigo de namorar;
E desforra que lhe tiram
P'r os não deixarem casar».*

*«O rouxinol, quando canta,
Dá no fim um assobio;
Também os filhos dos padres
Chamam ao pai:— senhor tio» (4).*

*«Todos os padres de missa
Ao Inferno são chamados,
Inda eles têm mais filhos
Que homens que são casados» (4).*

*«Menina, se fores à missa,
Põe-te para o pé do coro,
Que o padre é muito ratão,
Também busca o seu namoro».*

«Nunca vi figueira preta
Dar um figo na raiz;
Nunca vi filha de padre
Ser bem feita do nariz» (*).

«Não há pau como o carvalho,
Nem lenha como o azevinho;
Nem filhos como os dos padres,
Que ao pai chamam — padrinho».

A animadversão do vulgo, aos tonsurados e aos clérigos sujeitos à regra conventual que não respeitam a continência e o celibato, está consubstanciada nesta oitava, urdida em linguagem aberrante e com sentido erótico:

Acautela as tuas filhas!...»
«Padre e frade, arre!
Se entra em tua casa,
Ou é para meter
Ou é para tirar!
Se de ti bem disser,
Acautela a tua mulher;
Se te disser maravilhas,
Acautela as tuas filhas!...»

e nestes incisivos anexins:

«A clérigo feito frade, não confies tua comadre»;
«Em caso de necessidade, casa a freira com o frade».

Uma ou outra barregã mais dissoluta leva a sua devassidão ao ponto de se insinuar aos olhos do confessor, ou até de aceitar a mancebia clerical. O povo regista esse concubinato, das «mal fadadas», em estrofes com seu travo licencioso:

«O meu amor é um padre,
Padre a quem quero tanto;
Hei-de ir a pé a Roma
Pedi-lo ao Padre-Santo».

«Tomei amores c'um padre,
Nunca melhor coisa fiz;
Logo me fez uma anágua
Da sua sobrepeliz» ().*

«Tomei amores c'um clérigo
E deixei um secular;
Não há nada que mais renda
Qu'as toalhas do altar» ().*

«Dizem que um padre namoro,
Qu'importa isso, essa é boa!
Tenha ele bom coração,
Qu'importa que tenha c'roa».

«Ó senhor padre Paulino,
Venha-me falar à grade,
Qu'eu quero tomar amores
Com vossa paternidade».

«A mulher, p'ra ser mulher,
Deve ter oito amores:
Dois casados, dois solteiros,
Dois padres, dois confesores» ().*

«Não se namore, menina,
Do padre, nem que a pretenda;
Tudo que dizem é falso,
Não há quem os compreenda!» (*). «Antoninho de pequeno
Logo foi o meu amor;
Agora estudou p'ra padre,
É ele o meu confessor» (*).

«O padre quando namora
Logo põe a mão na c'roa;
Namora, padre, namora,
Que Roma tudo perdoa».

No cantochão, arengam os párocos, segundo a interpretação grotesca e paganizada do povo vimaranense:

«Se ele é rico e tem dinheiro,
Faz-se-lhe o ofício inteiro;
Se é pobre e não tem nada,
Tomemos uma pitada.
Vamos a isto, vamos embora,
Tenho a mula à mosca lá fora!
— Oremos, oremos!
Não te consumas que não arranjás por menos!
Reu... réu! quem morreu vai p'ró Céu;
Quer vá, ou quer não vá,
O dinheiro venha p'ra cá» (*).

No Cadaval (Estremadura), os ofícios são escaqueados numa versão menos extensa, mas pertencendo ao mesmo molde:

«Dómus óbisco! (*)
É de conspituó!
— Órêmos!
Se ele é rico e têm dinhêro,
Façam-le o ôfiço intêro;
Mas se é prove e nada têm,
Metade le basta bêim!» (*).

TEÓFILO BRAGA arquivou outra fórmula, em que o povo traduz a usura de alguns sacerdotes nas cerimónias funerárias:

«Se fores para o Céu
Bem irás!
Se fores para o Purgatório
De lá sairás;
Se fores para o Inferno
Lá ficarás!

(*) *Dominus vobiscum* = O Senhor (seja) convosco.

*Quer vás, quer não,
O pinto e a vela
Cá para a mão» (¹).*

E esta toada pueril, imitação pejorativa do latim, que nas aldeias entretém a simplória curiosidade da gaiatada:

*«Ingrola, ingrola,
Vai para a cova;
Seis vinténs e a vela
E vamos embora» (¹).*

A narrativa tradicional, recolhida de viva voz no meio sertanejo, quando é respeitada integralmente a modalidade idiomática com todo o sabor peculiar linguístico, oferece ao etnógrafo, ao filólogo e ao esquadrinhador da alma popular, estimável material de estudo e reflexão.

As mais estrénuas pesquisas de romances, xácaras e contos, para pôr em realce a inventiva literária da grei humilde, tomando por causa os amores fradescos, têm ampla representação nas recolhas feitas por TEÓFILO BRAGA e J. LEITE DE VASCONCELLOS (⁵), debaixo dos seguintes títulos: «*Frei João*» (também conhecido por «*Morena*») e «*S. Simão*» (romances); «*Chilros-Bilros*» (conto); «*A Vida da Freira*» (xácara) e «*Padre-nosso dos Frades*», recolhido em Serpa por M. DIAS NUNES e publicado incompleto na revista *Tradição*.

Digna de citação a origem da expressão «*A dúzia do frade*» (a dúzia de treze), que se emprega para assinalar tudo que é incorrecto ou imperfeito. Curiosa também a historieta para a explicar: «Um frade da Ordem dos mendicantes entrou numa tenda e pediu uma dúzia de ovos; porém, fê-lo da seguinte forma: meia dúzia para o prior (seis); um terço de dúzia para o guardião (quatro), e um quarto de dúzia para ele (três)».

Nas locuções, símiles e expressões figuradas, há, com insistência, referências indirectas aos eclesiásticos. No Alentejo, são correntes as seguintes comparações: «*gordo como um cónego*», «*leva vida de frade*», «*dorme como um abade*», «*cheio como um padre*», «*é um azamel das freiras*» — fracalhão, indolente (³). «*Cantar de clérigo*», diz-se de quem ostenta jactanciosamente méritos que não possui.

Ainda neste âmbito, é digna de ser anotada a versificação plebeia:

«A perdiz canta no monte,
O rouxinol no loureiro;
Os padres cantam no coro,
Rogam a Deus por dinheiro».

«Senhor padre eu pequei
E fiz um grande pecado,
Em dar numa sexta-feira
Beijos ao meu namorado».

«O senhor padre eu pequei,
Sem presumir mal algum;
Dar um beijo à sexta-feira
Fará perder o jejum?».

«Quando, amor, fores à missa,
Põe-te ao revirar dos bancos,
Qu'eu quero olhar para ti
Com'o padre olha p'rós santos» (*).

«Tu, piolho que mordeste
A c'roa do sacerdote,
Has-de morrer na patena
Por Cristo — 'Dominu note'» (*).

«O padre abre o missal,
Vira a folha, diz — 'oremos';
Tu dizes qu'hei-de ser tua
E eu digo: — 'isso veremos!」»

«Ralha comigo o abade
Por cada vez que te vejo;
Os curas nunca souberam
As curas que faz um beijo!」»

«Casada, quem te casou,
Rosto de tant'alegria;
O padre que te casou
Que lapadas não mer'cia!」 (*).

«Fui-me confessar ao padre:
— Que não tinha amor nenhum!
Deram-me por penitência
Que arranjasse ò menos um» (*).

«As freiras de Santa Clara
Quando vão rezar ao coro,
Dizem umas para as outras:
— Quem me dera ter namoro».

«Eu fui-me confessar
Aquela capelinha,
O qu'eu disse ao padre
Ninguém no adivinha.

Ninguém no adivinha,
Não adivinha, não!
O qu'eu disse ao padre
Na minha confissão» (*).

«Atirei co'o limão, correndo
Foi parar à sacristia;
Acertei na c'roa ao padre
Isso mesmo era o qu'eu qu'ria» (*).

«O frade foi ao moinho,
E caiu no tremonhado;
Nunca vi frade moleiro
Assim tão enfarinhado!」»

«De Lisboa me mandaram
Quatro frades num ceirão:
Frei Azeite, Frei Vinagre,
Frei Alho, Frei Pimentão».

«O padre na confissão
Mandou-me apartar da dama;
Agora, por meus pecados,
Durmo com ela na cama» (*).

(*) «Dominus noster».

«Se tu visses o qu'eu vi
Nas alturas de Barroso:
Sete frades em camisa
A cavalo num raposo».

«O frade pediu à freira
Um beijinho pela grade;
A freira lhe respondeu:
— Vá p'rá missa, senhor frade».

«Duas cousas há no mundo
Qu'eu não posso entender:
Ser padre e ir p'ró Inferno,
Ser surgião e morrer» (*).

«Não te namores de cura,
Nem do padre, tem seu p'riço;
Namora-te dum solteiro
Que venha a casar contigo» (*).

Coligida, com texto poético e grafia musical, por VERGÍLIO PEREIRA, Maestro com significado alto na Etnografia, esta moda coreográfica que está em voga em Chave, freguesia do concelho de Arouca:

«Perguntei ao padre capucho
Qual era o maior pecado:

Tenho passado,
Tenho sofrido,
Tenho suspirado!

Olhou para mim e riu-se,
Batendo o pé no sobrado.

Tenho passado, etc.» (*).

Igualmente recolhida da literatura oral, na freguesia de Souselo (Cinfães), esta cantiga de romaria que goza de grande popularidade:

«O padre não quiere qu'eu traga
Chapeuzinho à vareira...
Vem cá tu, meu lindo bem,
Deixa o frade, logo vem.

Mas eu trago chapeuzinho,
Ponho-o de qualquer maneira;
Vem cá tu, meu lindo bem,
Deixa o frade, logo vem (*).

No encadeamento do plano a que obedece esta compilação, ainda este enigma rimado ao jeito de adivinha:

«Que fazes aí, freira tão prazeteira,
Aí, nessa grade, beijando esse frade?

Se beijo este frade, malícia não tem,
Que a mãe deste frade teve-a minha mãe!»

(a freira era mãe do frade).

Correm na tradição oral, em Roriz (Douro), os seguintes «mandamentos dos clérigos»:

*«Três por dia (refeições);
De cada vez, três (copos);
Sete cada noite (horas para dormir);
Uma cada mês (confissão)».*

No concelho de Montalegre, a interpretação é diferente, mais extensa e mais maliciosa:

*«Primeiro — servir a Deus por dinheiro;
Segundo — olhos no Céu, unhas no Mundo;
Terceiro — comer boa vaca e melhor carneiro;
Quarto — jejuar, depois de farto;
Quinto — beber do branco e do tinto;
Sexto — levar tudo a torto e a direito;
Sétimo — num tornar nada d'empréstimo;
Oitavo — num comer da cabeça, nem do rabo;
Nono — encher bem o corpinho de sono».*

A imaginação popular soube expressar numa chacota, pouco cuidada na forma e de gramática charra, a sua originalidade e a sua fantasia grosseira:

*«Frei Inácio foi mijar,
Três azenhas fez andar,
E uma nau à vela
E uma caravela;
Uma horta regou,
Três lençóis ensopou
E ainda diz que não mijou!!».*

Admitidos pela superstição, há, entre outros, os seguintes presságios, respigados em terras minhotas e transmontanas:

- Os caçadores ficam «zangados» quando vêem um padre. É prenúncio de caçada frustrada;
- Um pedacinho da estola de padre, posto ao pescoço das crianças, é amuleto usado para que as bruxas as não molestem;
- Ver um padre para a direita, é bom sinal; para a esquerda, é mau agouro. Para desfazer este azar, é de

- bom preceito ir tocar ao de leve na batina do sacerdote que foi surpreendido;
- É um prazer inesperado ver dois padres juntos. Para que a satisfação seja completa, deverá dar-se um nó na ponta do lenço e rezar uma Ave-Maria;
 - Bens de padre não chegam a terceiro possuidor. (Por heranças sucessivas);
 - Pressupõe o povo de Guimarães que tocarem sinos de duas torres ao mesmo tempo, ao meio-dia ou às Trindades, anuncia desgraça. Consideram que haverá nesse dia morte de padre numa das freguesias ⁽¹⁾;
 - O prenúncio fatalista do povo vimaranense vai mais longe: têm como certo que, quando morre um padre, não tardará que morram mais dois ⁽¹⁾.

A linguagem vulgar mantém, na paremiologia, abundante número de expressões, locuções proverbiais e anexins, relacionados com a vida clerical, e que a memória do nosso povo tem conservado. Exemplos:

- «Clérigo e frade, nem por amigo nem por compadre».
- «Padre na aldeia: ou cante, ou leia».
- «Não cures de amigo lisonjeiro, nem de frade sem mosteiro».
- «Usa cama de frade e mesa de pobre, terás saúde que farte e alegria que sobre».
- «Frade e mulher, duas garras do Diabo».
- «Para pedidos: ou de padre a alva, ou de mulher a fralda».
- «Sol madrugador, homem rezador e frade cortês, arrenega de tolos três».
- «Frade que pede por Deus, pede para dois».
- «Só quem está no convento é que sabe o que lá vai dentro».
- «Não cai o mosteiro por falta de um frade».
- «A Ordem é rica, os frades são poucos».
- «Freiras e frieiras, é cozá-las e deixá-las».
- «Frade, freira e mulher rezadeira, três pessoas distintas e nenhuma verdadeira».
- «Padres e frades, andam aos pares».
- «Nem a chocarreiro, nem a frade fora do mosteiro, dê o teu dinheiro».
- «Frade convidado dá passo largo».
- «Damás, frades, monjas e pajens, todos de altas linhagens» (segundo os próprios se têm em conta).
- «Frei Modesto nunca foi prior» (refere-se às pessoas acanhadas que, pela sua timidez, não conseguem prosperar).

«Clérigo e frade, de quem precisam chamam compadre».

«Quando a abadessa é careca, as freiras são pouco encabeladas» (por alusão ao exemplo dado pelos dirigentes, imitado pelos subalternos. Neste caso particular, o corte cerce das cabeleiras, disciplina conventual).

Os frades e monjas, insulados do trato comum e sujeitos a exercícios litúrgicos, quando infringiam o recato e os preceitos morais, eram também criticados ironicamente pelo povo nos seus remosques, não raro encerrando conceitos depreciativos.

No século XVIII, podia-se ouvir esta chacota romanceada, que o povolêu arengava pelas ruas de Tomar:

*«Os frades da Graça
Têm uma cabaça
De canada e meia
Que bebem à ceia.
Mas os de Cristo
Têm mais poder
E têm mais filhos
Do que eu hei-de ter.
E os da Anunciada
Vão para a adega
Tomar a sossega;*

*Saem de lá
Com suas cabeleiras,
E vão para a fonte
E os de S. Francisco
Só comem vitela;
Se vêem moças bonitas
Pegam-lhe pela mão,
Levam-nas para a cela.
E os de Alcobaça
Mandam apregoar:
Quem quiser pepinos
Vá ao seu pepinal» (1).*

Estava vulgarizada, há um século, esta acerba cantilena jocosa que se fixou na outiva dos madeirenses:

*O nosso pinchel,
Deixá-lo aí estar;
De freiras, nem frades
Não há que fiar.*

*Traz sua cabaça
De canada e meia,
Que bebe ao jantar,
Que bebe na ceia.*

*Não há que fiar
Dos frades da Graça;
Cada um consigo
Traz uma cabaça.*

*O nosso pichel,
Redondo, redondo,
Deixá-lo aí estar;
kirié leizono! (*) (2).*

Glosando o mesmo motivo, mas numa feição métrica mais omissa, esta outra versão afim:

(*) *Kyrie eleison* — Senhor, tende piedade.

*Os frades da Graça
Têm uma cabaça,
Que bebem à ceia
E outra ao jantar;*

*O nosso pichel
Deixai-o lá estar,
Que em frades e freiras
Não há que fiar.*

A interdição para os seculares, de entrarem nos edifícios claustrais de monjas, nem sempre foi acatada com as virtua- lidades necessárias, originando mesmo alguns actos dissolutos. O cancionero popular não ficou indiferente a esse desacata- mento evangélico, como se verifica nesta fórmula recolhida no arquipélago madeirense:

*«As freiras de Santa Clara
Andam sempre em roda viva,
Ora no coro de baixo,
Ora no coro de riba.*

*As freiras de Santa Clara,
Oh! que freiras elas são;
Dão a Deus os padre-nossos,
Dão o mais ao capelão...*

*As freiras de Santa Clara
De seu biquinho na testa;
Namoram no parlatório,
Dão beijinhos pela fresta.*

.....
..... (2).

Concluída, a troixe-moixe, a recolha de toda esta literatice de urdidura plebeia, um temor de consciência quase nos induziu a não lhe dar publicidade. É que o povo, sendo na maneira de ser e de sentir uma eterna criança, nem sempre sabe discernir o falso do verdadeiro, o «trigo do joio». A sua pecha crítica, mormente nas horas desenfadadas, leva-o a procurar interpretações chocarreiras para as manifestações literárias; sejam líricas, fantasistas, caprichosas ou metafóricas. Gente de baixa condição, no geral obtusamente inculta, é, nos seus veredictos, conceitos, ironias, diatribes e trocadilhos, quase sempre descortês para uma classe que tem valores espirituais dos mais representativos. Por falta de cultura, o povo desconhece que é ao prelado e às comunidades religiosas que devemos a sobrevivência do nosso tesouro sacro, a conser- vação dos pergaminhos, incunábulos, códices e espécies biblio- gráficas de raro valor que enriquecem hoje os arquivos e bibliotecas nacionais. Esquece, ou ignora, que houve em todos os tempos eclesiásticos eruditos com prestígio, não só no Apostolado cristão, mas ainda na Oratória, nas Letras, nas Artes e nas Ciências. A actividade intelectual do Clero não

descurou mesmo a Etnografia. São de registrar, neste sector, os nomes dos reverendos que se evidenciaram, como Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), José Augusto Tavares, António Gomes Pereira, Firmino Augusto Martins, José Manuel Miranda Lopes e, mais recentemente, António Maria Mourinho e António Alfaiate Marvão.

*

Zeloso por tudo que respeita ao saber popular, não excluimos das nossas pesquisas o material que constitui a essência deste trabalho, não obstante a crueza e susceptibilidade do tema. Se nele há uma ou outra interpretação demasiado livre em questões de moral e certas «beliscaduras» à cleresia mais desatenta ao Evangelho espiritual e às normas sociais e éticas, devem ser desculpadas ao povo que, nas suas ironias levianas, tem na mente despertar «a risa» e nunca intenção pejorativa. É notar as suas sátiras aos moleiros, aos médicos, às sogras, às maledicentes («chocalheiras», «mexeriqueiras» ou «murmuradeiras»)... e até nos desafios — meras cantilenas em ritmo discursivo — em que surgem quadras provocatórias, mas a que não faltam jocosidade e ironia zombeteira:

*«Eu hei-de mandar comprar
Cinco réis de clara d'ovo,
Para dar à cantadeira
Que canta cheia de gogo».*

*«Tenho 'duzas' de cabrestos
Enfileirados na feira,
Para encabrestar as bestas
Que cantam dessa maneira».*

*«Tenho uma casa entre nuvens
Trancada com cinco trancas,
E tenho uma burra lá dentro
Que 'zorna' como tu cantas».*

Como se infere do exposto, não há, nas referências e alusões da plebe, intencional propósito de ultraje ou desacatamento à Igreja e seus acólitos. No literatejar oral, espelha-se a alma anónima, a rudeza de raciocínio do vulgo. Há, na incultura agreste, por estranho paradoxo, algo de doutrina assimilável e, não raro, a literatura erudita se apropria das suas ideias.

Tudo nos leva a admitir que é meritória a recolha de todas as produções literárias de feição popular, por constituírem subsídios: às ciências etnográfica, histórica e filológica.

Fontes de consulta:

(¹) ALBERTO VIEIRA BRAGA — *De Guimarães: Tradições e Usanças Populares* (1924), pp. 325, 326, 334 e 335.

(²) ALVARO RODRIGUES DE AZEVEDO — *Romanceiro do Archipelago da Madeira* (1880), pp. 319 e 320.

(³) ANTÓNIO TOMÁS PIRES — *Comparações Populares Alentejanas* (1892), pp. 13, 17, 21 e 26.

(⁴) GUILHERME FELGUEIRAS — *Cancioneiro Popular Transmontano e Alto-Duriense* (1966), pp. 99, 106, 111, 112, 199, 291, 317, 374, 414, 418, 419, 424, 425, 451 e 488.

(⁵) JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS — *Romanceiro Português* (1958), pp. 464 e 474.

(⁶) MANUEL CARDOSO MARTHA — *Folclore do Cadaval* (1934), p. 115.

(⁷) TEÓFILO BRAGA — *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, vol. I (1885), p. 288.

(⁸) VERGÍLIO PEREIRA — *Cancioneiro de Arouca* (1939), pp. 346 e 347.

(⁹) VERGÍLIO PEREIRA — *Cancioneiro de Cinfães* (1950), p. 282.